

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: VALORIZANDO O PENSAR

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: FILOSOFIA

INSTITUIÇÃO: FACULDADE MAX PLANCK

AUTOR(ES): SOLANGE FAUSTINO DE MELO FROTA, ANDRÉA CRISTINA CANDIDO, PRISCILA MIDORI HOSOYIRI

ORIENTADOR(ES): ROSA VIRGINIA WANDERLEY DINIZ

Realização:



Apoio:



Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como a filosofia poderia contribuir para a formação das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, tendo como foco o desenvolvimento do pensar para uma formação qualitativa. Para tanto será analisado o programa de filosofia para crianças desenvolvido por Matthew Lipman, o material didático proposto para esta faixa etária e as possíveis relações e aprimoramento com a teoria freiriana. Considerando que a filosofia é a disciplina que mais possibilita a reflexão e a necessidade de formar cidadãos pensantes e críticos, a filosofia para crianças se faz cada vez mais inescusável, pois permite uma aprendizagem mais significativa desde a tenra idade, corroborando também para o processo de aprendizagem das etapas seguintes, mas ainda mais que isso, colaborando para uma formação que respeite o educando como sujeito ativo na sociedade, e que por isso, fornece as ferramentas para que ele consiga se reconhecer e agir como tal.

1 - INTRODUÇÃO

A educação é uma ferramenta de transformação do indivíduo e da sociedade. Porém no Brasil, ao longo do tempo, ela tem sido usada para reproduzir o modelo social existente, possibilitando pouca ou nenhuma mudança.

Considerando que o Brasil é um país democrático, a escola deveria preparar os educandos para serem ativos e participativos na sociedade, todavia isso não acontece, pois não há incentivo e nem liberdade para que os mesmos participem sequer do processo de ensino-aprendizagem no qual estão inseridos.

Diante dos problemas que a sociedade vem enfrentando atualmente, como perda de valores, falta de respeito pelo próximo, violência, entre tantos outros, a filosofia para crianças se torna cada vez mais necessária, pois através dela é possível desenvolver o pensar, possibilitando a construção de conceitos importantes para a formação de valores, conscientizando as crianças da importância de saber viver em sociedade participando ativamente de suas transformações.

A educação tem uma grande responsabilidade pelos problemas sociais que acontecem atualmente, pois não tem conseguido formar indivíduos pensantes e participativos, que lutem por melhorias para si e para a sociedade, como relatado por Lipman:

Se examinarmos nosso sistema educacional com essa franqueza, é absolutamente previsível que seremos obrigados a concluir não apenas que é imperfeito, mas que suas imperfeições são muito mais responsáveis do que gostaríamos de admitir pelas graves circunstâncias em que o mundo se encontra atualmente. Se lamentamos os nossos líderes e nossos eleitores por serem egoístas

e não esclarecidos, devemos lembrar que eles são produtos de nosso sistema educacional. Se protestamos, como um fator atenuante, que eles são também produto dos lares e famílias, devemos lembrar que os pais e avós dessas famílias são igualmente produtos do mesmíssimo processo de educação. Como educadores temos uma enorme responsabilidade pela irracionalidade da população mundial. (LIPMAN, 1990, p. 33)

Para que a educação desempenhe seu papel transformador é preciso que os educandos aprendam a pensar criticamente sobre sua realidade, que os conteúdos das aulas estejam em sintonia com ela, pois só assim o aprendizado se tornará significativo e interessante, *como já observou Montaigne: mais vale uma cabeça bem feita que bem cheia* (MORIN, 2012). Durante as aulas de filosofia o educando tem a liberdade para se expressar, mas também aprendem a ouvir e respeitar a opinião do outro.

Neste contexto é importante pensarmos no papel dos professores de filosofia, entendendo que os mesmos precisam estar bem preparados para aplicar a filosofia de forma prática, capaz de alcançar a crianças. O educador tem papel de mediador, pois ele não pretende transmitir seu conhecimento aos alunos, ele busca conduzi-los para que os mesmos o construam sozinhos.

2 - OBJETIVOS

O presente trabalho busca refletir sobre as contribuições da filosofia para a formação das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, apresentando e conceituando a teoria de Lipman e Freire apontando as principais convergências entre ambas.

3 - METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisões bibliográficas de livros e artigos com uma abordagem dialógica.

4 - ENTENDENDO O PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

O programa filosofia para crianças foi criado pelo norte-americano Matthew Lipman na década de 60 e tem como objetivo estimular o desenvolvimento da

reflexão, do diálogo e da investigação para se alcançar o pensar bem ou o pensar criticamente (LIPMAN, 1990).

Ao ministrar aulas para Universidade Columbia, Lipman começou a considerar que as dificuldades dos educandos bem como dos docentes, eram reprodução de um sistema educacional errôneo. Ele pensou que se conseguisse ensinar e estimular a criança a refletir, questionar e discutir, ao tornar-se adulta a mesma teria mais habilidades de raciocínio desenvolvidas e estaria mais preparada para discutir conceitos próprios para a universidade.

Lipman criou ainda um material didático específico para crianças, chamadas de novelas filosóficas, os textos abordam as várias áreas da filosofia: lógica, ética, metafísica, estética, entre outros. O material conta também com um manual para o professor, onde há sugestões de como ele pode explorar o conteúdo em sala de aula, sempre com o intuito de estimular o pensar dos educandos.

A filosofia para crianças chegou ao Brasil em 1984 através de Catherine Young Silva, que foi mestrande na universidade Montclair State University, dirigida por Matthew Lipman. Autorizada por Lipman voltou ao Brasil e difundiu o programa, traduziu e adaptou os materiais e participou da formação dos professores. Esse trabalho possibilitou que já em 1985 fosse formado o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), entidade sem fins lucrativos, que passou a oferecer aos docentes uma formação específica para desenvolver o programa nas escolas, ficando responsável também pela tradução dos materiais e divulgação da proposta (LIPMAN, 1990).

Para Lipman, uma educação que não reconheça a importância do pensar como fundamento de todo processo educativo é superficial e estéril (KOHAN, 1998). Sendo assim a filosofia é indispensável, pois é ela quem prepara a criança para pensar, inclusive o pensar nas outras disciplinas.

Imagina-se que a filosofia se aplicada para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I, pode possibilitar e estimular mais o pensar e o diálogo, tornando o ensino mais prazeroso, significativo e conseqüentemente qualitativo, esta, portanto, seria a hipótese de trabalho. Buscando formar indivíduos que pensem por si próprios, que questionem, investiguem, dialoguem, argumentem e não somente que aprendam o que os outros pensam. Como Lipman observa:

O programa tenta, desta maneira, fornecer um modelo do que é apresentar informação às crianças numa atmosfera de apreciação e julgamento reflexivo em vez de numa atmosfera de aceitação passiva e não crítica ou de indiscutível descrença. (LIPMAN, 1990, p. 115)

Este modelo dialógico foi denominado comunidade de investigação, onde é necessário ter um ambiente propício para as discussões, de forma democrática. Onde todos possam se expressar e ter sua opinião respeitada, bem como respeitar a opinião alheia, entendendo cada indivíduo como ser único, constituindo assim um ambiente que contemple o ideal cognitivo, social e político.

5 - O MATERIAL DIDÁTICO PROPOSTO POR LIPMAN

Lipman desenvolveu um material didático completo, com novelas filosóficas para crianças e um manual de orientação para o professor. A seguir serão apresentadas algumas considerações sobre o material Issao e Guga (1997), que foi desenvolvido para o segundo e terceiro ano do ensino fundamental I.

O livro direcionado para as crianças é apresentado em forma de textos narrativos com bastantes diálogos, estes textos são chamados de novelas porque possuem continuidade de um texto para outro. São obras escritas de maneira simples e sem referência aos nomes de filósofos.

Cada criança lê um trecho do texto em voz alta, a parte inicial envolve as crianças na combinação de ler, falar e escutar, o que estabelece um cenário propício para que o diálogo prossiga. Depois pede-se aos alunos para que apontem o que acharam mais importante no trecho lido, isso faz com que os educandos determinem a pauta da discussão. A respeito disso assegura Lipman:

As crianças deveriam adquirir prática em discutir os conceitos que elas considerassem importantes. Fazer com que discutam assuntos que lhe são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhe interessa nem se interessam pelo que discutem. (LIPMAN, 1990, p. 31)

Issao e Guga (1997) concentra-se na formação de conceitos, em particular análise, clarificação e interpretação dos conceitos científicos tirados da zoologia e ecologia. Ele apresenta pessoas discutindo o verdadeiro, o bom, o belo expondo

suas visões no que diz respeito ao que é precioso e excelente e perfeito, e tentando encontrar razões com as quais justifiquem suas opiniões. (LIPMAN, 1990)

Este material didático fundamenta-se na filosofia da natureza e na teoria do conhecimento, refletindo sobre conceitos como: verdade, amor, esperança, direitos humanos, bem, amizade, ecologia, cooperação, entre outros. Busca desenvolver nas crianças as habilidades de ouvir, perceber, detectar pressupostos, levantar questões, inferir, encontrar alternativas, entre outros.

O manual para o educador denomina-se Maravilhando-se com o mundo, ele contém as instruções complementares ao livro Issao e Guga, oferece exercícios e planos de discussão que orientam o professor a desenvolver o conteúdo em sala de aula.

É importante ressaltar que o livro texto assim como o manual dá um direcionamento para o trabalho do docente, mas que ele não é algo engessado, pronto para ser seguido. Pelo contrário, deve ser adaptado para a realidade das crianças que serão ensinadas bem como para as especificidades regionais, locais e da escola.

6 - A TEORIA FREIRIANA

A teoria educacional de Paulo Freire tem como fundamento o diálogo e a política. Busca desenvolver uma educação para liberdade, onde o indivíduo pode tomar consciência de sua realidade social e política, desenvolvendo através do diálogo o senso crítico, levando-o a compreender a importância de sua participação efetiva nas transformações sociais. Como assegura Freire:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (FREIRE, 2011, p. 74)

Em sua teoria Freire valoriza o conhecimento prévio e a curiosidade natural dos educandos para aprimorar e aumentar os conhecimentos dos mesmos, originados do senso comum os saberes adquiridos a partir de experiências pessoais tornam-se mais críticos. Como ele afirma em pedagogia da autonomia (FREIRE,

2011), a curiosidade ingênua não deixa de ser curiosidade, mas se criticiza e passa a ser epistemológica.

Freire entende ainda que somos sempre seres inacabados e que por isso podemos sempre aprender algo novo. É importante esta consciência para que o indivíduo possa sempre buscar superar as limitações e alcançar novos conhecimentos.

O prazer pela investigação deve ser a essência do educador, pois para que possa estimular os educandos a serem investigativos ele deve agir coerentemente, colocando em prática o que fala. Superando seu desconhecimento ele contribui para o processo de aprendizagem, tornando-o mais qualitativo.

Outro fator importante em seu método é o compartilhamento de ideias e opiniões e a partir daí a reconstrução de sentidos e significados. Neste contexto o diálogo é uma ferramenta indispensável, pois possibilita uma interação entre as partes, favorecendo a construção do conhecimento com uma visão mais ampla e crítica.

Para Freire o papel do educador não é de transmitir conhecimentos, mas de dar possibilidades para que os próprios alunos o construam. Uma educação que não valoriza a reflexão e o diálogo mas apenas deposita informações, não desperta no educando o interesse nem dá significado para o aprendizado obtido. Esta educação bancária não é suficiente para formar cidadãos autônomos e críticos, pelo contrário, torna-se geradora de indivíduos que reproduzem o modelo social existente.

Sendo assim deve haver uma troca valiosa entre educador e educando, entendendo que o professor não é o único que detém o conhecimento, o aluno com sua vivência e experiência pode contribuir no processo de ensino aprendizagem, com isso ambos aprendem simultaneamente.

Quando Freire valoriza a vivência do aluno ele está reconhecendo a singularidade da realidade social onde o educando está inserido, preocupando-se em conscientizar o indivíduo da realidade política, histórica e social, para que a educação exerça seu papel libertador, possibilitando a formação de cidadãos críticos e conscientes, que almejem transformar a sua realidade e trazer melhorias para sociedade.

7 - AS POSSIBILIDADES ENTRE AS DUAS TEORIAS

São perceptíveis as convergências entre as duas teorias, entre elas destacam-se o diálogo e o papel do educador.

Tanto Lipman quanto Freire acreditam que o diálogo em sala de aula é fundamental e indispensável para um aprendizado significativo, o diálogo traz novas possibilidades para os educandos, que passam a discutir opiniões e a refletir sobre elas e não apenas ouvem de forma passiva as informações dadas pelo professor.

Sobre a importância da relação entre o pensamento e a palavra Vygotsky conclui:

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo: o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica. [...] As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana. (VYGOTSKY, 2008, p. 190)

O diálogo proporciona ainda um crescimento coletivo, pois a sala compartilha ideias e pensamentos, os alunos aprendem a ouvir, a questionar e a argumentar, o que colabora para uma vivência mais adequada na sociedade, entendendo que sua opinião é importante, mas que ainda assim deve respeitar a do outro.

Outra convergência é o destaque dado à curiosidade natural dos educandos, presente principalmente na criança, e que o método de ensino tem o poder de vedar ou perpetuar. Contrapondo-se ao modelo tradicional que apresenta um conteúdo pronto e engessado, que não dá espaço para os interesses e indagações das crianças.

Ambos pensadores destacam ainda a importância de considerar o contexto social do aluno para uma aprendizagem mais significativa, adequando os conteúdos à sua realidade, aproximando os conhecimentos epistemológicos das experiências cotidianas, possibilitando maior legitimação para os mesmos.

Em ambas as teorias o educador é visto como mediador e não como detentor do conhecimento, então ele não deve transmitir informações e sim, orientar e mediar às discussões para que os próprios alunos construam seu conhecimento de forma que lhe façam sentido, considerando suas experiências e realidade de vida.

Desse modo, é necessário que haja uma troca horizontal entre educador e educando, deve-se considerar os conhecimentos e experiências dos alunos para o processo de ensino aprendizagem, entendendo que o professor também aprende enquanto ensina, tornando assim as discussões mais qualitativas. Afinal não há docência sem discência. (FREIRE, 2011)

8 – RESULTADOS

O programa de filosofia para crianças desenvolvido por Lipman é um exemplo de que é factível inserir tal disciplina na educação infantil, porém para isso, é necessário perder o velho julgamento de que as crianças são apenas miniaturas de adultos e que não pensam. A concepção de entender a criança como um indivíduo particular, que possui suas especificidades, capacidades e direitos está intrínseca a abordagem do programa.

Ao aproximar o programa de Lipman com a teoria freiriana percebe-se algumas convergências, como a valorização do diálogo e o papel do educador, ambos veem a educação como um instrumento de transformação pessoal e social. Outro fator importante é considerar o contexto social dos educandos para desenvolver o trabalho pedagógico, adequando os conteúdos de forma que os conhecimentos tenham significado para os mesmos.

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A filosofia para crianças estimula o diálogo, o questionamento e a reflexão, contribuindo assim para o desenvolvimento do pensar, um pensar mais amplo e crítico, capaz de analisar a fragilidade dos argumentos apresentados bem como de relacionar as informações recebidas com sua realidade. Desse modo o educando deixa de ser um receptor passivo e passa a ser agente ativo em seu desenvolvimento e aprendizado.

Para que a filosofia tenha êxito na educação infantil é importante que os educadores tenham uma formação de qualidade, que estejam preparados para tal prática. Os cursos de formação de docentes precisam e merecem uma atualização tanto de conteúdos como de prática, pois se pretende-se formar professores que

estimulem o diálogo e o pensamento crítico é impreterível que os mesmos tenham este modelo educacional como referência.

A filosofia para crianças aparece como uma nova possibilidade de melhorar o modelo educacional atual, pois o mesmo se encontra contraproducente quando se fala em qualidade. É claro que não se pode encarar a filosofia como a panaceia para a educação, mas fica evidente que quando bem planejada e realizada, tal disciplina possibilita que o aluno se torne mais pensante e crítico, servindo também como um impulsionador para o rendimento do educando nas outras disciplinas, contribuindo para o desenvolvimento educacional integral das crianças.

Uma educação que valorize o desenvolvimento do pensar, estimulando a curiosidade natural das crianças bem como favorecendo e mediando debates possibilita a construção de uma nova sociedade. Forma cidadãos mais críticos, conscientes, cooperativos e responsáveis, que saberão conviver melhor uns com os outros e com o meio onde vivem.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS:

EVANGELISTA, Francisco. A Educação para o pensar de Matthew Lipman. In: EVANGELISTA, Francisco; GOMES, Paulo de Tarso (Org.). **Educação para o pensar**. Campinas: Alínea, 2003. Cap. 11. p. 111-121.

KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana Míriam (Org.). **Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2000.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1990. Tradução de Maria Alice de Brzezinski e Lucia Maria Silva Kremer.

LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia para Crianças - Educação para o pensar. In: EVANGELISTA, Francisco; GOMES, Paulo de Tarso et al (Org.). **Educação para o pensar**. Campinas: Alínea, 2003. Cap. 1. p. 11-22

KOHAN, Walter Omar et al (Org.). **Filosofia para crianças: em debate**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Tradução de: Eloá Jacobina.

SCHNEIDER, Laíno Alberto. A Importância da filosofia para crianças. In: (ULBRA), Universidade Luterana do Brasil (Org.). **Filosofia da Educação**. Curitiba: Ibpx, 2008. Cap. 10. p. 157-167.

SEVERINO, Antônio J. A importância da filosofia na formação das crianças e adolescentes. In: EVANGELISTA, Francisco; GOMES, Paulo de Tarso (Org.). **Educação para o pensar**. Campinas: Alínea, 2003. Cap. 4. p. 43-50.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Tradução de Jefferson Luiz Camargo.